

## HC IV faz atendimento a distância integrado com Clínicas da Família

**P**acientes que necessitam de cuidados paliativos e não conseguem comparecer às consultas ou moram fora da área de abrangência da assistência domiciliar do HC IV são acolhidos pelo Atendimento Ambulatorial a Distância. A ação ocorre de maneira integrada com unidades da Atenção Primária à Saúde (APS) de 42 municípios do Estado do Rio. Médicos da Clínica da Família vão até a casa do paciente impossibilitado de ir ao INCA, principalmente devido ao alto nível de dependência de cuidados.

Munido de um formulário com perguntas-chave criado pela equipe interdisciplinar do ambulatório do HC IV, o médico da APS faz a avaliação clínica do paciente. Esse documento preenchido é trazido pelo familiar no dia da consulta marcada na unidade de cuidados paliativos do Instituto, possibilitando ao médico do HC IV ter uma boa noção de como está a situação do paciente, mesmo sem poder examiná-lo.



Iniciativa idealizada pela assistente social Dolores Fonseca já assistiu mais de 100 pacientes

“Era muito frequente o paciente não poder comparecer à consulta e, em seu lugar, vir o cuidador, que, por sua vez, não tinha condição de apresentar uma avaliação detalhada do estado de saúde do doente. O Atendimento Ambulatorial a Distância foi criado para suprir essa lacuna”, explica a assistente social Dolores Ferreira Fonseca, completando que a visita do médico da Clínica da Família ocorre em intervalos que variam de 15 a 30 dias, conforme a situação do paciente.

Criada em setembro de 2017, a iniciativa já promoveu o acompanhamento de 119 doentes (números até 2019). O processo contou com assessoria da pesquisadora e assistente social Andrea Frossard, do Núcleo de Apoio à Pesquisa e Ensino (NAPE).

O serviço viabiliza, ainda, a cobertura assistencial até o pós-óbito. Quando a morte ocorre na residência, a APS também se torna referência para atestar o falecimento e fornecer a declaração de óbito.

## Palestra aborda papel da amamentação na prevenção do câncer

**A**mamentação é um fator de proteção contra o câncer de mama, e isso se deve a duas razões: alteração hormonal e renovação celular. Foi o que explicou Bruna Pitasi, nutricionista da Área Técnica de Alimentação, Nutrição, Atividade Física e Câncer, na palestra on-line *Conversas com o INCA: Amamentação e prevenção de câncer*, dia 20 de agosto.

“Como a lactação atrasa o retorno do ciclo menstrual, a amamentação diminui a exposição da mulher aos hormônios da menstruação, que podem aumentar o risco de desenvolvimento do câncer de mama. Além disso, a esfoliação dos tecidos mamários provoca a morte em massa de células que poderiam se tornar cancerígenas”, afirmou Bruna.

A nutricionista destacou que pesquisas em andamento analisam também possíveis quedas nas chances



Bruna Pitasi: “Políticas públicas brasileiras incentivam a amamentação”

de câncer de ovário nas mães. Comprovadamente, o leite materno diminui alergias, doenças respiratórias, obesidade e infecção nas crianças, além de promover queda de 13% na mortalidade infantil. Uma criança obesa tem maior probabilidade de se tornar um adulto obeso, e o excesso de gordura corporal é um fator de risco para diversos tipos de câncer.

“O Brasil é um grande exemplo de políticas públicas que incentivam a amamentação. O INCA recomenda a prática até que os bebês tenham, pelo menos, 2 anos de idade, e que as mulheres deem apenas leite materno para as crianças nos primeiros 6 meses de vida. Essas orientações estão alinhadas com a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde”, disse Bruna.